



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA**

ELTON ARAÚJO MORAIS

COLONIZAÇÃO BRASIL NOVO, PARÁ: ANSEIOS E CONQUISTAS

BRASIL NOVO-PA

2018

ELTON ARAÚJO MORAIS

COLONIZAÇÃO BRASIL NOVO, PARÁ: ANSEIOS E CONQUISTAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado do curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Pará, campus Altamira, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura plena em Educação do Campo- Ciências da Natureza.

Orientadora. PROFA MSC. ANA PAULA DOS SANTOS SOUZA.

BRASIL NOVO-PA

2018

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	2
2	A TRAJETÓRIA DOS MIGRANTES, SUAS MOTIVAÇÕES E DESAFIOS	5
3	COMO ACONTECEU A MIGRAÇÃO	6
4	A PRIMEIRA IMPRESSÃO AO CHEGAR À REGIÃO	7
5	OS BENEFÍCIOS ECONÔMICOS OBTIDOS PELOS PIONEIROS NA TRANSAMAZÔNICA	8
6	A EDUCAÇÃO E SEUS DESAFIOS PARA OS MIGRANTES	9
7	CONCLUSÃO	11
8	REFERÊNCIAS	12

RESUMO

Este trabalho nasce da busca por entender melhor sobre a colonização do município de Brasil Novo, Pará, a partir dos relatos dos migrantes, dos anos de 1970 a 1976. Cujo objetivo foi entender as razões que fizeram esses camponeses de diversos estados brasileiros migrarem para esta remota região da Amazônia. O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa com questionários semi-estruturados e aplicados a oito camponeses deste município. Os resultados alcançados apontaram as conquistas e as mazelas vivenciadas pelos camponeses, sendo a falta de terras em seus estados de origem uma dos principais motivos para a migração e por fim a conquista de terras próprias como uma das maiores conquistas apresentadas por eles.

Palavras chaves: *colonização, Brasil Novo-PA, agricultores familiares, desafios, conquistas.*

1-INTRODUÇÃO

A construção da Transamazônica no ano de 1970, através do Programa Integração Nacional (PIN), marcou a vida de muitos nordestinos e sulistas que, encantados com as propagandas midiáticas, e diante de suas necessidades distintas, se dispuseram a fazer parte de grupos que iriam desbravar uma região então dita “vazia”.

O governo do general presidente Emilio Médici pretendia acabar com a fome no nordeste e a desigualdade social no Brasil, pois o processo de industrialização não teria sido o suficiente para resolver a problemática social no país. É o que retrata a autora Bertha Becker em seu livro “As Amazônias”.

Persistem, assim, o superpovoamento relativo e o baixo padrão de vida para a maior parte da população, a industrialização não tendo resolvido o problema do desemprego e da falta de uma infraestrutura agrícola, onde cerca de 60% da população dependem desse setor [.....] Diante das tensões persistentes no Nordeste e da necessidade de estender a soberania nacional aos limites do território, a incorporação da Amazônia ao sistema nacional configura-se para o governo como um imperativo, capaz de oferecer uma solução conjunta para as duas regiões-problemas, solução essa que devera também beneficiar o crescimento do “centro” (Becker, bertha, 06 de outubro de 2015, p.40)

O presidente Médici em suas palavras deixa transparecer no seu pronunciamento em outubro de 1970 as reais intenções do governo na época ao referir à problemática nacional e ao papel a ser desempenhado pelo projeto de colonização (MÉDICI, 1970, p. 148):

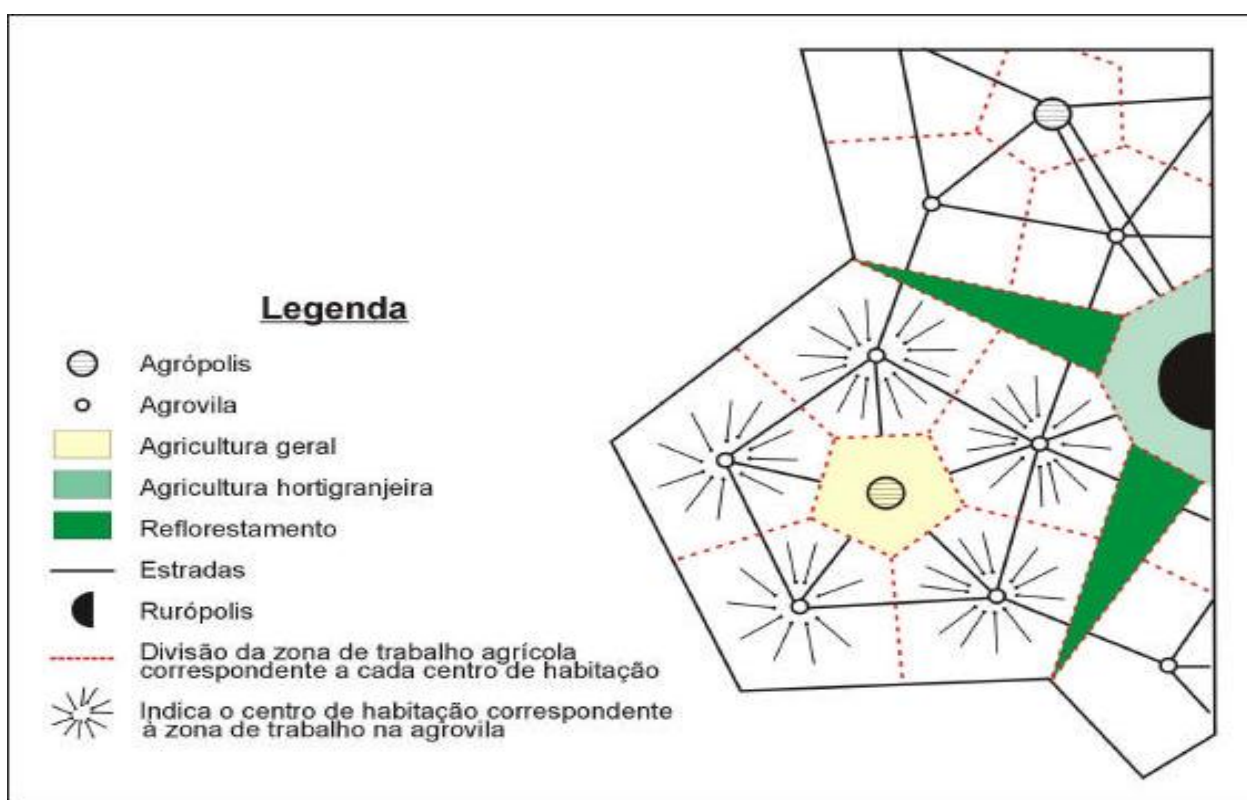
O atraso e a pobreza da Amazônia e do nordeste, além de social e politicamente inaceitáveis, têm repercussões negativas que chegam a prejudicar fortemente a produção e a economia do centro-sul. Aquilo que não se pode fazer á escassez do capital pode ser feito com um programa integrado de colonização e desenvolvimento com um mínimo de recursos econômicos, capaz de gerar rapidamente riquezas para complementar, sem inflação, o esforço necessário à solução dos dois problemas: o do homem sem terras no Nordeste e o das terras sem homens na Amazônia. (MÉDICI, 1970, p. 148).

Muitos foram os desafios enfrentados pelos migrantes vindos do norte e sul do país ao chegarem à região de Altamira e Brasil Novo, no estado do Pará, onde aconteceu parte da colonização da Transamazônica. Foi nesse espaço geográfico que foi desenvolvido este trabalho de pesquisa, que tem por objetivo identificar as razões e os desejos de tantas pessoas decidirem migrar para terras desconhecidas e distantes, bem como identificar as conquistas adquiridas ao longo do tempo.

O governo do presidente Médici previu e planejou todo o processo de colonização da Transamazônica, “a ocupação do espaço geográfico”, o projeto bem elaborado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) previa estudos de implantação de projetos agropecuários e agroindustriais além de treinamento técnicos para os agricultores, e ainda o planejamento de serviços básicos tanto para a zona rural, quanto para a zona urbana.

O modelo de colonização previa ainda a construção de agrovilas, agrópoles e Rurópolis; uma hierarquia nas vilas comunitárias tendo cada uma delas, uma atividade a desenvolver. As agrovilas seriam áreas residenciais e colonizadas por colonos e seus familiares, com terrenos com no máximo 5.000 m²; já as agrópoles seriam bem mais estruturadas e contariam com comércios de gêneros alimentícios, postos de saúde, postos de combustíveis. As rurópolis funcionariam como grandes centros dando apoio econômico às demais vilas das margens da rodovia Transamazônica e vicinais.

Fig. 1 – Estratégia de urbanização aplicada na colonização da Transamazônica.



Fonte: Becker (1988).

Todavia, esse planejamento não aconteceu exatamente assim. Foi desconsiderado o bem estar social das famílias migrantes, tais como os direitos constitucionais de acesso à saúde e educação, enfim os migrantes foram entregues à própria sorte. É o que um dos entrevistados relata:

No dia que chegamos aqui fomos deixados à beira da estrada, próximo ao km 40 (Altamira-Brasil Novo) assim como se fôssemos objetos, então éramos eu e meu esposo e 11 crianças, o mais novo era de colo, não conhecíamos ninguém, sorte nossa é que tinha uma família do nordeste assim como a nossa gente e nos deu apoio até meu esposo conseguir fazer a primeira roça. [...] Estudar não dava, pois não tinha escola apesar de que meus filhos a maioria já estudava em CAICÓ-RN, [...] uma vez, tivemos que leva um de meus filhos doente para Altamira em lombo de cavalo, pois não tinha como ir de outra maneira (Entrevista cedida em fevereiro 2018).

Os direitos negados, muitas vezes eram “maquiados” por reportagens midiáticas, e governamentais, como esta publicada pela revista Manchete em abril de 1972.

Paralelamente à abertura da Transamazônica processa-se o trabalho da colonização, realizado pelo INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária). As pequenas agrovilas se sucedem de vinte em vinte quilômetros à margem da estrada, e nos cem hectares que cada colono recebeu são plantados milho, feijão e arroz. Já no próximo mês começará a plantação de cana-de-açúcar, cujas primeiras mudas, vindas dos canaviais de Sertãozinho, em São Paulo, acabaram de ser distribuídas. Jovens agrônomos, recém-saídos da universidade, orientam os colonos [...] No meio da selva começam a surgir as agrovilas. Vindos de diferentes regiões do país, os colonos povoam as margens da Transamazônica e espalham pelo chão virgem o verde disciplinado das culturas pioneiras. Os pastos da região são excelentes. (MANCHETE, 15 de abril de 1972, p. 73).

A revista Manchete noticiava reportagens que exaltavam a construção da rodovia Transamazônica, sempre com imagens e textos onde apareciam famílias fazendo colheitas de culturas perenes, e nascimento de crianças, a fim de mostrar ao norte e ao sul do país a prosperidade então implantada no novo celeiro do Brasil, por que não dizer do mundo, na época. Nesse contexto é que nasceu Brasil Novo, seguindo a estrutura de organização do espaço feito pelo governo foi denominada como agropólis Brasil Novo e passou a ser a sede administrativa e de apoio à colonização do INCRA. Brasil Novo deixou de ser agropólis e passou a ser município em 1991.

O município de Brasil Novo (PA) está localizado na mesorregião Sudoeste do Pará, e nasceu a partir de uma área desmembrada dos municípios de Medicilândia, Altamira e Porto de Moz. Possui uma área territorial de 6.368,25 km², foi criado pela Lei Estadual de nº 5.962 de 13/12/1991, está situado às margens da rodovia Transamazônica, BR-230, Km 46.

Figura: 2- Residências em Brasil Novo, construídas pelo INCRA em 1971.

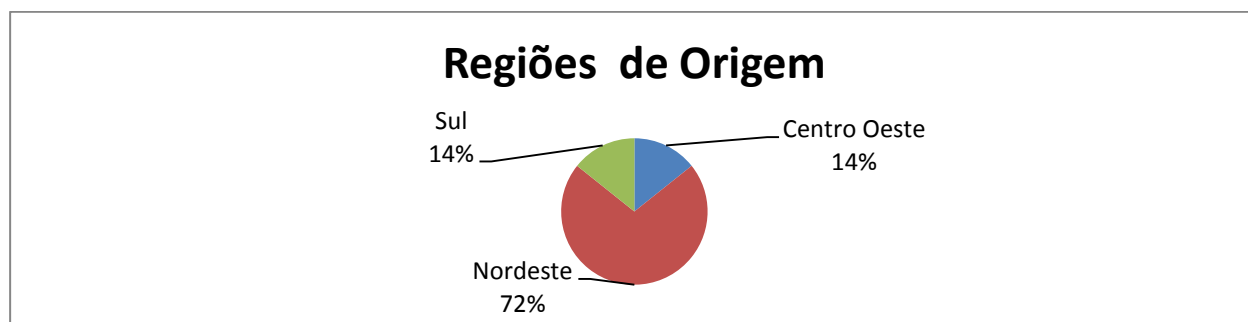


Fonte: [www.biblioteca .ibge .gov.br](http://www.biblioteca.ibge.gov.br), acesso em abril de 2018.

Este município presenciou num curto espaço de tempo, entre os anos de 1970 e 1976, o seu povoamento coordenado pelo INCRA. Nessa perspectiva de compreender melhor essa parte da colonização a partir da fala dos migrantes desse município é que surge o meu objeto de estudo, a colonização das viciniais nos anos de 1970 a 1976, tendo como objetivo entender quais as razões que fizeram os colonizadores a serem desbravadores em terras desconhecidas, o que consideram como conquista, desafio e em que medida seus desejos foram atendidos. Neste trabalho foram realizadas entrevistas com questionários semi-estruturados, aplicados a oito colonizadores de viciniais deste município.

2- A TRAJETÓRIA DOS MIGRANTES, SUAS MOTIVAÇÕES E DESAFIOS

Fig.2. Regiões de origem dos entrevistados.



Fonte. Própria. Abril de 2018.

Os entrevistados de minha pesquisa têm em média 57 anos, vindos das regiões Nordeste, Centro Oeste e Sul do país, estudaram em média até a 6º série do ensino fundamental, são agricultores, alguns já ocuparam outros cargos no município. São eles

merecedores de meu respeito e admiração: o Sr. José morador atualmente da vicinal 15; Sr. Morais morador da vicinal 15; Sr. Antônio morador e residente na sede deste município; dona Maria moradora da vicinal 15; dona Lucia moradora e residente na sede deste município; dona Brito moradora da vicinal 15; o Sr. Getúlio morado da vicinal 15; Sr. Paulo morador da vicinal 15.

Dentre as motivações dos entrevistados para migrarem, muitos falaram de terem poucas terras nos locais de origem, além disso, essas terras eram cada vez mais subdivididas devido o aumento dos descendentes e a constituição de novas famílias em um mesmo espaço geográfico. Contribuiu para o deslocamento em busca de novas terras, segundo um dos entrevistados: “O fato de trabalhar para terceiros e ainda a oportunidade de possuir suas próprias terras”, foi o que motivou a maioria das pessoas a migrarem para o PIC Transamazônica.

3-COMO ACONTECEU A MIGRAÇÃO

De certa forma os pioneiros ficaram sabendo da distribuição de terra na Transamazônica através de terceiros, logo procuraram informações de como se inscrever no programa de colonização, segundo um entrevistado “o programa de colonização do governo foi muito divulgado passava propaganda todos os dias na rádio nacional”, mesmo assim alguns decidiram vir por conta própria é o que disse o senhor Aparecido em entrevista:

Eu pedi informações para chegar ao local de inscrição, mas como era muita burocracia foi que decidi vir por conta própria até Brasília, de Brasília até Altamira foi o INCRA¹ que trouxe a nossa família, logo após em 72 fui assentado nesta propriedade em que vivo até hoje (José, entrevista cedida em abril de 2018).

As famílias que vinham chegando pelo Programa Integrado de Colonização PIC para Altamira eram alocadas em acampamentos que em tese duraria apenas uma ou duas semanas, no entanto essa informação contraria os relatos dos pioneiros, quando registram que logo os

¹ Instituto de Colonização e Reforma Agrária, Órgão responsável pela distribuição e ocupação das terras situadas ao longo do eixo Transamazônico, com suporte nos Decretos 65.557, de 12 de nov.de 1970 e 69.443, de 29 de março de 1971.

pequenos barracos cobertos de palha iam ficando lotados com cerca de três a quatro famílias durante semanas e em alguns casos meses.

Esses agrupamentos precários de pessoas num mesmo local nem de longe era a escolha dos migrantes até então. Eram pessoas de lugares e personalidades diferentes, sem nenhuma relação de afinidade ou parentesco entre si, que passavam a viver num espaço restrito, onde não havia nem privacidade, nem comodidade para as famílias. A Sr; Lucia entrevistada, relata que ao chegar ao acampamento próximo a Brasil Novo, mas precisamente no km 40 sentido Altamira- Brasil Novo se deparou com esta situação e não conformada com a mesma iniciou uma rebelião que logo ganhou força em busca de direitos prometidos pelo governo e ainda não cumpridos.

Esses direitos que deveriam ser rotineiros como os da privacidade familiar, o conforto mínimo, entre outros, deixavam as pessoas desestabilizadas, vulneráveis e frágeis, ao extremo de entrar em conflito com outras famílias que estavam em igual situação nesses acampamentos.

4- A PRIMEIRA IMPRESSÃO AO CHEGAR À REGIÃO

Segundo a Sr. Brito a primeira impressão “foi péssima, pois não éramos acostumados com a mata, e tínhamos medo dos animais que até então não conhecíamos”. As dificuldades assolaram estes colonos durante dias, meses, anos, pois as promessas de assistência para os mesmos só ficaram em promessas, diz o Sr. Getúlio um dos entrevistados “a gente quando chegou aqui tinha muito pium,² meruim, meu pai teve que comprar calça comprida e camisa de manga comprida para toda a família, pois a gente não aguentava de tanto inseto” outro entrevistado relata que: “passamos mais de semana sem saber nem para que lado o sol nascia, pois era só chuva, outro dia estávamos todos dormindo, quando fomos surpreendidos por um rebanho de Porcão (porcos selvagens) passando por dentro do barraco de palha”.

Segundo o Sr. Antônio: “Os desafios foram muitos, mas a maior foi na alimentação, pois não era a que estávamos acostumados, as plantações que aqui eram plantadas não eram iguais as que plantávamos no sul”, os entrevistados relatam a dificuldade de plantar devido a

²Piuns e meruins: São insetos voadores da ordem dos simuliídeos que medem de um a quatro milímetro de comprimento e apresentam tegumento escuro, e são transmissores de filarias geradoras da oncocercose, que podem ocasionar a cegueira completa em suas vítimas.

chuva frequente, além da preparação da terra para plantio, pois a mata era muito densa e não estavam acostumados com aquele tipo de vegetação. Um dos entrevistados, o Sr. José, cita que a maior dificuldade enfrentada eram as estradas e a falta de veículos. Segundo ele “tinham que fazer as compras em Brasil Novo, mas as estradas eram muito ruins e tínhamos que levar as compras nas costas por 20 Km a pé, pois os recursos eram poucos e nem um cavalo a gente não tinha”

Apesar de tantos desafios relatados, nenhum dos entrevistados se diz arrependido no momento. Quando pergunto a um deles, o Sr. José sobre isso ele responde: “Não. Hoje não, mas nos primeiros dias, se tivesse dinheiro teria ido embora, mas hoje já me adaptei e acredito que lá não teria tido as oportunidades que tive aqui em Brasil Novo”.

A vontade de voltar com certeza existiu, mas não haviam muitas escolhas, na realidade muitos dos migrantes foram obrigados financeiramente a ficar na região, no relato de um dos entrevistados deixa transparecer essa ideia, segundo ele; “não tínhamos dinheiro para nada, se quiséssemos ir embora daqui como iríamos? Se não tinha nem para quem trabalhar, quanto mais dinheiro pra pagar passagem da família toda”, isso só deixa transparecer o descaso ao qual o INCRA expôs as famílias migrantes.

5-OS BENEFÍCIOS ECONÔMICOS OBTIDOS PELOS PIONEIROS NA TRANSAMAZÔNICA

Os entrevistados tinham como base econômica em seus estados de origem a agricultura, sejam eles como os donos das terras, meeiros ou até mesmo diaristas. Segundo um dos entrevistados, o Sr. José, que era meeiro relata: “a situação da família era precária, trabalhávamos para terceiros aonde tínhamos contrato e quando o contrato vencia, éramos obrigados a deixar as lavouras”. Outros entrevistados o Sr. Getúlio também relata esta situação, que por sua vez diminui a estabilidade financeira e a segurança alimentar.

Hoje em dia todos os entrevistados são donos de suas próprias terras, algumas terras são ainda as que receberam na colonização, já outros conseguiram aumentar as suas propriedades. Além disso, é notória a satisfação nas falas dos mesmos segundo um dos entrevistados o Sr. Antônio: “Hoje em dia sobrevivemos em terras próprias, aonde plantamos nossas roças, criamos um pouco de gado e cultivamos hortaliças”. O que contribuiu para a melhoria da renda dessas famílias foi sendo citadas como conquistas a oportunidade de

possuir terras próprias e assim construir a independência alimentar, a possibilidade de melhorar a infraestrutura das casas, das estradas, ampliar as plantações que no princípio era só lavouras brancas, agora podem plantar cacau, criar gado, aves, peixes, e outros pequenos animais e assim desenvolver suas propriedades com dignidade e responsabilidade.

Os entrevistados relatam em alguns momentos das entrevistas o que julgam ter dado certo e dado errado no processo de colonização. Segundo a Dona Brito: “Deu certo o fato de ter terras próprias e deu errado muitas vezes as inexperiências em implantar novas culturas sem apoio técnico, por exemplo, a lavoura cacauzeira e a pimenta do reino além da criação de gado”. Os agricultores ainda reclamam da falta de assistência técnica no município, e responsabiliza o governo de não prestar essa a assistência prometida e tão desejada.

Segundo a dona Brito: “O fato de não termos experiência com a realidade amazônica, fez com que ocorresse a troca de experiência nos modos de cultivos já conhecidos como o plantio de arroz, feijão, milho e culturas novas como o cacau, pimenta do reino e também na criação de gado”. Essas trocas de experiências muitas das vezes foram benéficas para adquirirem conhecimentos suficientes para garantir o alimento em suas mesas.

Sobre as atividades religiosas, os pioneiros informam que iam a pé para a igreja, andavam de 6 a 8 km e às vezes até 10 km para os cultos em suas igrejas, segundo o Sr Getúlio: “Quando chegamos aqui era tudo mais difícil, hoje em dia as pessoas têm moto, carro e não participam mais dos cultos, no entanto não tínhamos uma interferência cultural religiosa, pois naquele tempo só tinha a igreja católica”.

No entanto podemos observar a força que tinha a igreja católica em meio a colonização, além de ser importante para ajudar na construção das regras de convivência nas comunidades, dava o reforço espiritual para os pioneiros superarem as adversidades do dia-dia.

6-A EDUCAÇÃO E SEUS DESAFIOS PARA OS MIGRANTES

Todos os entrevistados disseram que em seus estados de origem tiveram a oportunidade de estudar logo, os que queriam e podiam estudar, estudaram, pois relatam que tinha escolas boas nos seus estados de origem, mas como moravam na zona rural, distante dessas escolas, seus pais não se importavam de colocar seus filhos na escola, trabalhar para

sobreviver era mais importante. Situações como esta mostram a fragilidade que afeta os camponeses em todas as regiões do país. Segundo Araújo 2005:

A educação de qualidade constituía e ainda constitui em grande média, privilégio de classe. Os currículos, conteúdos e calendários urbanos, escolas precárias, entre outros, além da ausência de políticas públicas estratégicas, consistentes e contínuas asseguradora desse direito, são indicadores do descaso que historicamente caracterizou o poder público em relação à educação do campo (ARAÚJO, 2005, p.174).

Está é uma realidade ainda nos dias atuais apesar do acesso á educação ter melhorado consideravelmente nos últimos anos. Os entrevistados relatam que atualmente não tem problemas com o acesso à educação de seus filhos e consideram regular a educação no município. Todos avaliam de grande importância a educação na melhoria da qualidade de vida das famílias e acreditam que a educação possa contribuir nas tomadas de decisões na vida das pessoas além de aumentar o seu campo de visão política, para cobrarem seus direitos previstos na constituição que, no entanto, foram negados desde a colonização deste município.

Ao tratar da qualidade atual da educação nas comunidades, os entrevistados relatam que ela precisa melhorar, pois os estudantes perderam o interesse de estudar. Segundo o Sr José um dos entrevistados a escola não é mais atrativa para a juventude, pois a tecnologia avançou o conhecimento do professor não é a única fonte de saber para o aluno, e hoje é também é possível estudar de qualquer lugar, sendo assim, é desprezível estar na escola para muitos alunos se ela não oferecer atrativos condizentes com os desejos da juventude. Sobre esse assunto, vejamos o que diz Leite (1999):

A função da escola é ensinar, transmitir valores e traços da história e da cultura de uma sociedade. A função da escola é permitir que o aluno tenha visões diferenciadas de mundo e de vida, de trabalho e de produção, de novas interpretações de realidade, sem, contudo, perder aquilo que lhe é próprio, aquilo que lhe é identificador. (LEITE, 1999, p.99)

Piletti, (2004) complementa Leite e afirma que o professor é a peça fundamental no processo de ensino-aprendizagem e pode contribuir com a transformação da realidade, ao dizer que:

O professor que tem entusiasmo, que é otimista, que acredita nas possibilidades do aluno, é capaz de exercer uma influência benéfica na classe como um todo e em cada aluno individualmente, pois sua atitude é estimulante e provocadora de comportamentos ajustados. (PILETTI, 2004, p.19).

7-CONCLUSÃO

Neste trabalho que venho por meio a concluir, quanto ao programa de colonização oficial do INCRA ficou evidenciado que os camponeses entrevistados não tinham noção de como era a região apesar das propagandas midiáticas apresentadas pelo governo da época. Os camponeses sofreram e ainda sofrem as consequências dos planejamentos governamentais muitas das vezes obscuros onde não se sabe as reais intenções do governo para esta região do país.

A falta de terras em seus estados e a necessidade de garantir a segurança alimentar para suas famílias fez com que a maioria dos camponeses entrevistados migrasse para a região de Brasil Novo. A migração e a permanência na região não foram fáceis. As promessas governamentais foram cumpridas precariamente. Mas nesse espaço de desolação e abandono a igreja católica desempenhou um importante papel na organização social, política e motivação espiritual das comunidades, o que contribuiu para que os migrantes aguentassem tantas decepções e descasos sociais no processo de colonização. Logo superada essa fase inicial as conquistas começaram a aparecer o fato de possuir terras próprias foi assinalada como a maior vitória desses camponeses, pois com a posse da terra conquistaram a soberania alimentar, um dos seus maiores desejos enquanto agricultores familiares.

Superada esta fase migratória e com a conquista da soberania alimentar, a sociedade camponesa de Brasil Novo luta hoje em dia por melhorias na produção agrícola, tais como o aumento na produção de cacau, gado e a produção de hortaliças que vem se expandindo nos últimos anos, mas que precisa de uma atenção especial por parte dos governantes. Outra saída seria uma educação diferenciada para os camponeses que deveria ser bem pensada para não mudar a estrutura familiar fazendo com que os jovens saiam da comunidade e conseqüentemente aconteça um despovoamento rural.

8-REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha. As amazônias de Bertha Becker, 06 de outubro 2015, p.40.

MÉDICI, Emílio Garrastazu. Sog o signo da fé. Discurso do Presidente da República na Reunião Extraordinária da SUDAM (Manaus, 08/10/1970). Brasília: Presidência da República/Biblioteca da Presidência da República, 1970.

REVISTA MANCHETE, “Transamazônica – estrada que liga o Atlântico ao Pacífico”. Rio de Janeiro, Ano 20, No. 1043, 15 de abril de 1972, p. 63-77.

LEITE,S.C. **Escola Rural** : Urbanizações e políticas educacionais .São Paulo: Cortez, 1999.

PILETTI. Claudino. **Didática Geral**. Campinas: SP, 2004.

ARAÚJO, S.R.M. **Escola para o trabalho, escola para vida: o caso da Escola Família Agrícola de Angical** – Bahia, Salvador. 2005